

CULTUREMAS NA TRADUÇÃO DE PROVÉRBIOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

CULTUREME IN THE TRANSLATION OF PROVERBS: SOME THEORETICAL CONSIDERATIONS

Cleuza Andrea Garcia Muniz ¹

Elizabete Aparecida Marques²

andreamuniz.ead@gmail.com

emarques@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho propõe-se a revisar o papel dos elementos culturais nas contribuições teóricas oriundas dos Estudos da tradução e a progressiva construção da noção de culturema no campo da linguística, com vistas a tentar compreender os problemas que os elementos culturais representam para a prática tradutológica dos fraseologismos, mais especificamente os provérbios.

PALAVRAS-CHAVE: fraseologismos; provérbios; tradução; culturemas.

ABSTRACT: This work intends to address the role of cultural elements in theoretical contributions from studies of translation and the progressive building of the term cultureme in the field of Linguistics, aiming to understand the problems which cultural elements represent to translation practices of phraseologisms, especially proverbs.

KEYWORDS: phraseologisms; proverbs; translation; cultural elements.

INTRODUÇÃO

O complexo processo que envolve a tradução exige, além do emprego de estratégias ajustadas aos objetivos de cada tradutor, uma contínua reflexão sobre os diferentes níveis (sintático, lexical e semântico-textual) que compõem a tessitura textual e que lhe garantam a unidade coesiva e a coerência necessárias. Tal como a

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Campus de Três Lagoas.

² Professora Doutora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

oralidade, o texto escrito se constrói de forma dinâmica e criativa, envolvendo o uso da linguagem no processo de significação por meio de imagens e palavras. No nível lexical do texto, empregando uma formulação de Coseriu (1990), justapõem-se, também, em sua estrutura elementos próprios do discurso repetido, termo que o autor utiliza para designar todas as unidades que não podem ser analisadas, ou seja, todas as unidades que significam em bloco.

Na língua e no discurso, as lexias complexas (Pottier, 1978: 61-96), que dão origem a todo o caudal fraseológico, têm, como qualquer outra unidade lexical não fraseológica, caráter de signo, cuja função de nomeação permite representar objetos, eventos e estado de coisas. Essa nomeação via fraseologismos³ aponta, em ambos os segmentos, para o terreno da expressividade; em outras palavras, o fraseologismo “nomeia de forma mais expressiva” ou, ainda, apoia a expressividade já existente no texto (Vilela, 2002: 161).

A tradução de fraseologismos representa para o tradutor uma das parcelas de dificuldade mais significativas no processo translático. Se, por um lado, é possível estabelecer equivalentes entre línguas, por conta da ocorrência semelhante de fraseologismos em diferentes culturas, por outro, muitos deles “nascem” em uma cultura específica, fixam suas raízes no seio de um determinado grupo social tornando-se produto de seu conhecimento acumulado, o que converte o processo de tradução ainda mais complexo visto que sua demanda extrapola o nível léxico-sintático.

Assim, na literatura especializada, é possível observar tendências que sugerem a impossibilidade de se pensar a tradução, em termos de equivalência nos âmbitos fraseológicos e paremiológicos, a partir de um ponto de vista puramente linguístico⁴. São posturas que se distanciam de uma longa tradição na qual equivalência e tradução são analisadas unicamente entre sistemas linguísticos.

Na esteira dos Estudos da tradução, é possível afirmar que as parêmiass⁵, arquilexema das unidades linguísticas que compõem o universo paremiológico

³ Neste trabalho, fraseologismo, é entendido como conjunto de lexias complexas consagradas pelo uso entre os falantes de uma determinada comunidade linguística. Quanto à forma, consideramos tanto estruturas que exigem ajustes ao contexto discursivo quanto aquelas que apresentam autonomia textual, como as parêmiass.

⁴ Cf. García Albero (2013: 123).

⁵ Sevilla Muñoz e Crida Álvarez (2013: 106) indicam que *parêmia*, termo derivado do grego clássico *παροιμία* (provérbio) está, na atualidade, se fixando cada vez mais no âmbito científico e é usado como arquilexema ou hiperônimo das unidades linguísticas que conformam o universo paremiológico. Para estes pesquisadores, uma parêmia é uma “unidade fraseológica constituída por um enunciado breve e

(Sevilla Muñoz, 1988 *apud* Sevilla Muñoz; Crida Álvarez, 2013: 106), configuram grande desafio para o tradutor. O provérbio, máximo representante desse universo, recolhe em sua estrutura conceitos em comum compartilhados por diferentes culturas como as experiências, os sentimentos, Deus, o céu, o inferno.

Mas, por outro lado, há que se levar em conta, a existência de muitos outros que não encontram equivalentes ao transitarem de um sistema a outro. São provérbios que nascem em um determinado espaço cultural e apresentam elementos composicionais próprios da cultura que lhes deu origem, em cuja imagem mental construída refletem-se as marcas circunscritas a esse espaço. A depender do distanciamento e particularidades de certas culturas, o esquema de imagens cognitivas pode variar. Em outras palavras, mesmo em se tratando de referentes, em princípio, dotados de neutralidade, como o referente **pão** (García Albero, 2013: 519), estes podem apresentar diferenças de sentido entre culturas distintas, e se esse elemento cultural sofre especificações, as distâncias culturais ficam ainda mais evidenciadas.

Os referentes culturais **vinho** e **azeite**, ainda que admitidos em seu valor literal, no cotejo da imagem mental, mesmo entre o par português da Europa e do Brasil, como nos provérbios “Águas de São João tiram vinho, azeite e não dão pão”; “Quem azeite colhe antes de Janeiro, azeite deixa no madeiro”, resultará, para um falante da variante europeia, em “dimensões cognitivas e simbólicas muito mais extensas e profundas” (Luque Durán, 2011: 395) daquelas que apresentam as mesmas lexias em seu sentido referencial imediato.

Do mesmo modo, o referente cultural **samba**, exemplo endossado por Xatara e Succi (2008: 38) com o provérbio brasileiro “Quem não gosta de samba é ruim da cabeça ou doente do pé”, denota percepções diferentes para brasileiros e portugueses, uma vez que cada cultura constrói uma imagem diferente. Samba tem um valor cultural vinculado à cultura brasileira.

Com isso, não significa que estamos ante a questão da intraduzibilidade dos provérbios, ao contrário. Eles são traduzíveis e isso está demonstrado de forma efetiva por meio da própria tradução, afinal, foi com ela que muitos “universais paremiológicos” se fixaram pelo mundo. No entanto, no que se refere à tradução de provérbios, é importante que o tradutor considere não somente o sentido e a forma

sentencioso, correspondente a uma oração simples ou composta, fixada na fala e que faz parte do acervo histórico e cultural de uma comunidade linguística”.

desse tipo de parêmia, mas, concomitantemente, leve em conta aspectos inerentes que subjazem em sua estrutura e que estão ligados a uma realidade particular.

Para García Albero (2013: 517), os elementos implícitos na estrutura de uma parêmia são, nomeadamente, as variantes diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica e, também, em termo utilizado pelo pesquisador, a variante **diacultural**⁶, evidenciada pelo encapsulamento⁷ de elementos culturais na estrutura de um provérbio que, em última instância, correspondem ao conceito de culturema: “símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas” (Pamies Bertrán, 2008: 54).

A noção de culturema, entendida como unidade cultural é, como afirma Luque Nadal (2009: 95), cada vez mais utilizada no âmbito dos estudos fraseológicos e da tradução. A pesquisadora, em sua reflexão acerca da discussão sobre se esse conceito, ainda em construção, é necessário e útil e até que ponto, outras noções já em uso, a seu ver genéricas e imprecisas, podem ainda ser consideradas suficientes nos referidos campos de estudo, afirma que, por definição, os culturemas são noções específico-culturais de um país ou de um âmbito cultural e que muitos deles apresentam uma estrutura semântica e pragmática complexa.

Ainda de acordo com a pesquisadora:

(...) os culturemas de uma língua, junto com outros elementos ideológicos, formam uma rede de ideias, valores, princípios de ação, conselhos, explicações de como e por que é o mundo (...). Todo isso contribui para formar uma visão de mundo. (Luque Nadal, 2009: 116, tradução nossa).⁸

Essa observação nos faz refletir acerca das dificuldades quanto à tradução paremiológica, pois, indubitavelmente, elas são percebidas com maior nitidez quando o que está em jogo são referentes simbólicos específicos de uma cultura e seu povo.

Por conta disso, revisamos, neste trabalho, o papel dos elementos culturais nas contribuições teóricas oriundas dos Estudos da tradução e a progressiva construção da noção de culturema no campo da linguística, com vistas a tentar compreender os

⁶ Para García Albero (2013: 518), os elementos culturais ocorrem em maior quantidade em provérbios que são próprios de um espaço cultural, que vai do “local à segmentos territoriais ou culturais maiores”.

⁷ O termo encapsulamento, neste trabalho, refere-se tão somente ao possível aprisionamento ou retenção de elementos culturais na composição de um fraseologismo. Assim, no provérbio “Em casa de pobre, ao meio-dia, mosca faz samba debaixo da panela”, a ocorrência do referente cultural samba, veiculado à cultura brasileira, se dá por meio de um processo de encapsulamento.

⁸ (...) los culturemas de una lengua, junto con otros elementos ideológicos (...), forman una red de ideas, valores, principios de acción, consejos, explicaciones de cómo y por qué es el mundo (...). Todo ello contribuye a configurar una visión del mundo.

problemas que os elementos culturais representam para a prática tradutológica dos fraseologismos, especialmente os provérbios. Abordar a relação entre tradução, cultura e fraseologismos é um tema complexo, mas necessário, dadas as dificuldades verificadas no processo de tradução de elementos culturais implícitos nos fraseologismos, especialmente nos provérbios, foco deste trabalho, uma vez que a transferência dos elementos culturais de uma língua a outra supõe grandes desafios ao tradutor.

O texto deste trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira seção realizamos uma breve apresentação sobre a terminologia empregada nos últimos anos no campo dos estudos da tradução para referir-se à tradução de elementos culturais, com base na análise de diferentes modelos de tradução. Na segunda seção do trabalho, ancorados em discussões teóricas realizadas por Luque Nadal (2008, 2009), Pamies Bertrán (2008) e Luque Durán (2012), discorreremos sobre alguns pressupostos básicos no que diz respeito à noção de *culturema* como unidade de cultura e seu possível encapsulamento em fraseologismos. Na última seção, analisamos algumas das dificuldades tradutológicas que os *culturemas*, apontados como um obstáculo para o tradutor, podem gerar no ato de tradução.

1. ELEMENTOS CULTURAIS E TRADUÇÃO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

Existe uma grande diversidade terminológica no campo da tradução para designar os elementos específicos de uma cultura: **referentes culturais, palavras culturais, marcas culturais, termos ou elementos culturais, realia**, etc. As mais significativas contribuições para o tratamento dos elementos culturais na tradução surgiram com as propostas de classificação desses elementos.

Como aponta Molina Martínez (2001: 71) o artigo de Eugene A. Nida, *Linguistics and Ethnology in Translation Problems* de 1945, marca o início e serve de pauta para o estudo e tratamento dos elementos culturais como um dos grandes problemas da tradução. Sua classificação parte da noção de conceitos e se estrutura em cinco âmbitos culturais: **1) Ecologia; 2) Cultura material; 3) Cultura social; 4) Cultura religiosa e 5) Cultura linguística.**

Especificamente, no que se refere ao âmbito da cultura linguística, Nida leva em conta problemas de tradução que derivam das características próprias de cada uma das línguas de trabalho e as subdivide em: **a) fonológicas; b) morfológicas;**

c) sintáticas e d) léxicas. Ele ainda aponta que as diferenças léxicas entre as línguas são as mais abundantes e também as que mais dificultam alguns processos como a equivalência ou adaptação em tradução. A distinção semântica que algumas línguas apresentam em detrimento de outras, também é um aspecto destacado pelo teórico e dele derivam muitas dificuldades.

No axioma formulado por Nida, na correlação língua e cultura, postula-se que “a abundância de um vocabulário relacionado com um âmbito cultural é diretamente proporcional à relevância desse âmbito em sua cultura”, já as subculturas, por sua vez, “tem proporcionalmente um vocabulário mais extenso, no que se refere à área que as caracteriza, como o léxico próprio dos pescadores” (Molina Martínez, 2001: 72).

Adequando-se à classificação proposta por Nida, na terminologia de Peter Newmark, outro importante nome no campo dos Estudos da tradução, os elementos culturais são inventariados e classificados por meio de palavras culturais estrangeiras, da seguinte forma: **a) Ecologia; b) Cultura material (objetos, produtos, artefatos, etc.); c) Cultura social (trabalho e tempo livre); d) Organizações, costumes e ideias; e e) Gestos e hábitos.**

O termo **foco cultural**, também proposto por Newmark, contribuiu especialmente porque é empregado em referência à profusão do vocabulário relativo a um campo léxico em uma língua, como a tauromaquia em espanhol. Esse tipo de léxico é definido pelo teórico como “linguagem cultural”, distinto do “universal” e do “pessoal” (o idioleto).

Seguindo o percurso descrito por Molina Martínez (2001: 74), em 1970, Vlahov e Florin dão sua parcela de contribuição aos estudos da tradução ao aventarem o termo *realia*, definido como elementos textuais que “denotam a cor local e a história”. Os teóricos propõem uma classificação dividida em quatro grupos de realia: **a) geográficos e etnográficos; b) folclóricos e mitológicos; c) objetos cotidianos e d) sociais e históricos.**

Propostos, inicialmente, para a análise dos indicadores culturais no texto literário, os elementos culturais para Christiane Nord são nomeados como indicadores culturais [pontos ricos] e definidos como aqueles pontos a partir dos quais se diferem duas culturas em jogo, constituindo-se em uma barreira cultural. Seu modelo de análise dos indicadores culturais está baseado em funções textuais que

distinguem, em um primeiro momento, os indicadores culturais relacionados ao comportamento daqueles que surgem do texto (situação e fundo).

O modelo ainda propõe que os indicadores culturais derivados do comportamento sejam classificados de forma correspondente com as funções comunicativas da linguagem: **fática**, **referencial**, **expressiva** e **apelativa**, no qual cada função remete a um tipo de comportamento cultural, distinguindo-se, por sua vez, entre o comportamento comunicativo e o paraverbal.

2. CULTUREMAS: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

Em primeiro lugar, é preciso observar que os elementos culturais (termo que tem sido alternado por *culturema*, no âmbito dos estudos fraseológicos) da linguagem serão encontrados, como aponta Luque Nadal (2008: 10), dentro de uma cultura distinta daquela que comumente se conhece, isto é, distinta daquela cultura ligada à linguagem acadêmica e ao uso de termos abstratos. Nomeadamente, podemos encontrá-los dentro da chamada cultura popular, ou, ainda, como indica a autora, “na cultura dos meios de comunicação de massa, nos quais abundam modismos, locuções e parêmiás, e também alusão a fatos históricos, religiosos, mitológicos, (...), etc.”.

Os culturemas, abundantes na linguagem assim como os fraseologismos e, estreitamente a eles relacionados, “estão na base da criação idiomática” (Xatara; Seco, 2014: 503). Via de regra, apresentam uma complexidade simbólica, pois são dotados de maior expressividade estética e argumentativa. A noção de culturema é considerada recente, porém, ganha cada vez mais visibilidade em determinados campos como o fraseológico e a tradução. No que se refere à definição do termo *culturema*, discute-se sua origem, contudo, há autores, como Luque Durán (2012), que indicam que seu surgimento se deu no seio dos estudos de tradução.

No âmbito dos estudos linguísticos, para Luque Nadal (2009: 93) existe a necessidade de se ampliar os estudos sobre culturemas de modo a especificar a abrangência da noção e sua integração teórica metodológica em campos específicos, como a fraseologia.

Em uma visão ampla do conceito, Luque Nadal afirma que os culturemas são noções específico-culturais de um país, são unidades de comunicação, ou seja, são

elementos simbólicos, funcionando como guia ou modelo de interpretação para uma determinada comunidade. A autora sintetiza sua definição da seguinte forma:

Resumindo, poderíamos definir *culturema* como qualquer elemento simbólico específico cultural, simples ou complexo, que corresponda a um objeto, ideia, atividade ou fato, que seja suficientemente conhecido entre os membros de uma sociedade, que tenha valor simbólico e sirva de guia, referência, ou modelo de interpretação ou ação para os membros da referida sociedade. Tudo isto implica que se possa utilizar como meio comunicativo e expressivo na interação comunicativa dos membros dessa cultura (Luque Nadal, 2009: 97, tradução nossa).⁹

A definição de Luque Nadal mostra que o *culturema* é um elemento cultural específico (objeto, ideia, atividade ou fato), conhecido e compartilhado pelos membros de uma determinada comunidade linguística, o qual tem valor simbólico, serve de guia, referência ou modelo de interpretação, implicando sua utilização como meio comunicativo e expressivo nas práticas interacionais dos membros dessa cultura.

Luque Durán (2012: 92) define *culturema* como unidades semióticas que resguardam imagens de caráter cultural e que possibilitam dotar o texto de maior expressividade estética, com as quais também é possível construir discursos mediante a fusão dos *culturemas* com elementos argumentativos.

Soto Almela (2013) reitera que uma das grandes contribuições de Luque Durán ao conceito diz respeito à vigência e atualidade dos *culturemas*, pois os elementos culturais não constituiriam um grupo fechado, mas estariam em constante criação, dando lugar a outros a partir de uma infinidade de motivos que, por sua vez, poderiam incrementar outros *culturemas* já existentes e consagrados na língua e cultura de uma comunidade.

No âmbito cultural hispânico, Luque Durán (2012: 92) afirma que a vitalidade da linguagem técnica taurina promove e incrementa o surgimento de novas sobreposições metafóricas na língua espanhola, uma vez que as expressões ligadas ao mundo das touradas “constituem códigos autênticos para entender o imaginário espanhol”.

⁹ Resumiendo, podríamos definir *culturema* como cualquier elemento simbólico específico cultural, simple o complejo, que corresponda a un objeto, idea, actividad o hecho, que sea suficientemente conocido entre los miembros de una sociedad, que tenga valor simbólico y sirva de guía, referencia, o modelo de interpretación o acción para los miembros de dicha sociedad. Todo esto conlleva que pueda utilizarse como medio comunicativo y expresivo en la interacción comunicativa de los miembros de esa cultura.

Por sua vez, Pamies Bertrán (2008: 54) nos indica que culturemas são “símbolos extralinguísticos culturalmente motivados”, que servem de modelo para a geração de idiomatismos, isto é, as metáforas criadas pelos elementos culturais vão além do simbólico e se concretizam em fraseologismos.

A produtividade fraseológica dos símbolos culturais nota-se mais profícua com os culturemas, uma vez que o conhecimento das metáforas resultantes de um simbolismo cultural outorga a compreensão de outras derivadas de um mesmo culturema, mesmo não estando armazenadas nos falantes ou que estes não sejam conscientes de sua motivação diacrônica.

A modo de ilustração da produtividade linguística observada nos culturemas, Pamies Bertrán cita o simbolismo cultural do **laurel** [*louro]. Procedente da lenda grega de Dafne e Apolo, este referente tornou-se símbolo de glória graças a sua consagração divina ao deus das artes e dos poetas, Apolo. A manutenção do simbolismo do **laurel** ampliou-se ao longo dos tempos, de modo que durante o império romano o louro era utilizado como adorno na cabeça de grandes imperadores e generais como símbolo de conquista vitoriosa, e toda essa dinâmica e produtividade gerada por este referente, desde tempos remotos como o império romano, reflete-se na linguagem.

As metáforas derivadas do culturema **laurel**, abundantes na fraseologia espanhola, cujo simbolismo é atualmente considerado pan-europeu, são encadeadas e procedentes umas das outras, o que vem a reforçar a produtividade do símbolo inicial. Assim, na locução espanhola **dormirse en los laureles** [*dormir sobre os louros]¹⁰ exemplificada pelo autor, a maioria dos falantes desconhece a lenda grega da qual se deriva o símbolo inicial já mencionado, e apenas um restrito grupo, de filólogos e botânicos, saberia dizer que **daphne** significa laurel em grego (δάφνη).

Pode-se dizer, após estas considerações, que as definições que circulam, sobretudo em determinadas linhas de investigação fraseológica, partem de uma redefinição do termo porque focalizam em sua abordagem, a relação entre cultura e linguagem por meio do estudo dos fraseologismos.

Por meio das definições propostas pelos pesquisadores mencionados, fica-nos evidente que o enfoque dado à relação da visão de mundo ligada e, por conseguinte,

¹⁰ O *Dicionário de Expressões Idiomáticas* também registra a ocorrência de “dormir à sombra da bananeira” no português de Portugal; ambas expressões denotam o mesmo sentido: descansar após ser bem-sucedido. Disponível em: <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/guiadousuario.php>>. Acesso em: 05 de jun. de 2017.

refletida nos fatos linguísticos, perpassa por todas as tentativas de delimitação da nova noção que se pretende fixar no campo dos estudos linguísticos. Por concordar com os posicionamentos dos autores revisados, *culturema* é o termo que empregamos doravante neste trabalho para designar as noções específico culturais de um país ou de uma cultura compartilhada por vários países devido a fatores históricos, sociais, religiosos ou geográficos, que se manifestam nos fraseologismos.

3. O ENCAPSULAMENTO DE CULTUREMAS EM FRASEOLOGISMOS

Relativamente à procedência dos culturemas, Luque Nadal (2009) indica que, a princípio, os fraseologismos deveriam “nascer” a partir de culturemas, mas o que se observa é que, às vezes, é a partir de um movimento contrário que os culturemas nascem, ou seja, a partir de alguns fraseologismos. Contudo, esclarece a autora, geralmente os culturemas derivam de determinados símbolos que os falantes de uma língua chegam a conhecer a partir da aprendizagem de sua própria cultura.

A civilização ocidental compartilha uma tradição cultural com raízes na Antiguidade clássica e um passado histórico e religioso que possibilita identificar muitas características em comum. Entre a diversidade de fontes que possivelmente deram origem aos elementos culturais, podemos citar, entre outras, os livros de história e a literatura, um dos reflexos mais nítidos de manifestação cultural compartilhada no Ocidente.

Nessa perspectiva, o conceito de culturema de Luque Nadal (2009: 98) é relevante, pois a autora nos oferece uma extensa lista de temas e fraseologismos ligados à **Antiguidade clássica; Bíblia e religião; História da Espanha; Contos tradicionais e História universal** e esclarece, ainda, sobre a existência de culturemas nacionais, específicos de um país, intimamente ligados a uma cultura e a seu povo, e os supranacionais, aqueles compartilhados entre distintos países ou línguas.

Dessa perspectiva, temos que esses elementos culturais podem emanar de qualquer aspecto de que se compõem uma determinada cultura, podendo variar de geração em geração se a motivação que os criou está relacionada com fontes conjunturais como a televisão, o cinema, etc. Por outro lado, existe um conjunto de culturemas que permanecem imutáveis ao longo dos anos, Luque Durán (2012: 93) os denomina culturemas históricos:

(...) aqueles culturemas baseados em um determinado fato histórico relevante para um determinado país ou aqueles baseados em uma frase famosa atribuída a um personagem destacado na história de um país. Estes culturemas permanecem imutáveis visto que aparecem nos livros de história e estes livros serão estudados obrigatoriamente por todas as gerações. (Luque Durán, 2012: 93, tradução nossa).¹¹

Considerando que as ideias dominantes são transmitidas pela escola e os livros didáticos, bem como por meio de outros canais, como a arte, o cinema, a imprensa, as canções, etc., destacamos, consoante à perspectiva delineada na definição dada pelo autor, uma importante fonte de preservação e, por extensão, singular propulsor que inventaria e faz circular ideias dominantes por várias gerações: os refraneiros literários¹².

Dessa forma, como os livros de história, os refraneiros literários também fazem parte da cultura letrada, como cânones literários de um povo, dotados de caráter universal, a exemplo do Quixote de Cervantes, como evidencia Herón Pérez Martínez (2000) “o primeiro e mais notável dos refraneiros literários” (*apud* Sevilla Muñoz, 2005: 122).

Ainda sobre a obra mestra de Cervantes, Sevilla Muñoz (2005: 126), a partir de um enfoque paremiológico, aponta que este refraneiro foi e continua sendo uma importante “via de transmissão escrita dos provérbios”. Destacamos, dentre os diversos princípios paremiológicos que resultaram de sua pesquisa, o eixo temático no qual estas estruturas são consideradas ensinamentos encapsulados e extraídos da experiência de um povo, que se modificam, ao longo dos tempos, a fim de se adaptarem às novas circunstâncias da realidade extralinguística.

A paremióloga assinala que o provérbio nasce como “recurso da oralidade e penetra na textualidade escrita” e que temática e sentido proporcionam ao provérbio um alcance reduzido, isto é, pertencentes a um determinado âmbito cultural, e um alcance geral, portanto, os universais paremiológicos, que podem ser transculturais ou translinguísticos.

¹¹ (...) aquellos culturemas basados en un determinado hecho histórico relevante para un determinado país o aquellos basados en una frase famosa atribuida a un personaje destacado en la historia de un país. Estos culturemas permanecen inmutables puesto que aparecen en los libros de historia y estos libros han de ser estudiados obligatoriamente por todas las generaciones.

¹² Sevilla Muñoz (2005: 122), apoiada em estudos desenvolvidos pelo paremiólogo mexicano Herón Pérez Martínez, indica que há, na tradição hispânica, dois tipos de refraneiros: refraneiros-acervo, na forma de dicionários ou de livros de educação moral, e os refraneiros literários, que, além de recolher e fazer circular os provérbios, os insere no discurso literário.

É possível que os elementos culturais históricos presentes em livros de história ou nos refraneiros literários, em muitos casos, sejam difíceis de entender, mesmo porque, os referentes históricos retidos pelas gerações mais jovens se distanciam dos referentes que as gerações anteriores possuem.

No âmbito da tradução, essa dificuldade é um dos principais obstáculos que o tradutor pode encontrar, pois, a depender das estratégias utilizadas, as perdas quanto ao conteúdo cultural serão grandes e, possivelmente, desvirtuariam até mesmo aquilo que o leitor pensa estar lendo, ou seja, ele não sentirá, por exemplo, ao ler um texto clássico, tratar-se de um texto clássico.

Existem, portanto, fraseologismos específicos ligados ao passado histórico de um povo que estão presentes em todas as línguas. A origem e a explicação para estes fraseologismos é puramente especulativa o que remete Luque Durán (2012: 95) a aceitar que é preferível uma explicação equivocada ou incerta, do que renunciar a questionar-se sobre sua origem, mesmo porque, ao conhecer a origem e a motivação dos culturemas históricos, ultrapassamos os limites da forma e nos transportamos à história de uma língua e sua cultura.

3.1 A TRADUÇÃO DE CULTUREMAS NOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS

A tradução das parêmiás tem sido geralmente considerada como parte dos estudos de tradução fraseológica. Ao incluir a Paremiologia dentro da Fraseologia, alguns autores como Zuluaga (1980) e Corpas Pastor (1996) integram as parêmiás no âmbito da tradução de fraseologismos, pois levam em conta características comuns entre certas construções linguísticas fixas como a própria fixidez e a idiomaticidade. Já outros, como aponta García Albero (2013: 17), optam pela separação entre Fraseologia e Paremiologia, como Casares (1950) e Wotjak (1983).

Se a tradução não se reduz tão somente à substituição do léxico e da gramática entre duas línguas (Chacoto, 2006: 97), e há, nesse processo, a imbricação de questões não somente linguísticas, mas também de índole cultural, quiçá um dos principais obstáculos no que concerne à tradução, os fraseologismos, com especial ênfase às parêmiás, o tornam ainda mais complexo.

Existem diferentes motivos que corroboram essa dificuldade além, obviamente, por se tratar de um texto de difícil descodificação que apresenta características morfológicas, sintática e semânticas muito particulares. Para García

Albero (2013: 121) é possível listar alguns desses motivos, por exemplo, o conhecimento do universo paremiológico das línguas de trabalho por parte do tradutor, um aspecto impossível se se considera as milhares de parêmiias que duas ou mais línguas podem somar juntas, a progressiva diminuição quanto à frequência de uso de textos parêmicos na fala do dia a dia e, por fim, a escassa atenção que os dicionários bilíngues atribuem às parêmiias e a insuficiente produção paremiográfica bilíngue ou multilíngue.

Um dos conceitos-chave no âmbito da tradução e que ainda hoje suscita debate é o de equivalência. A princípio, no escopo das primeiras teorias, esta noção esteve concentrada nos limites da tradução a partir de um ponto de vista puramente linguístico, ou seja, a tradução entre sistemas linguísticos. Com o passar dos anos, tiveram início alguns questionamentos sobre o alcance dessa noção e, a partir de então, são propostas novas alternativas.

Atualmente, considerado um conceito flexível e dinâmico, a equivalência não é algo que se busca *a priori*, mas uma relação existente entre o original e sua tradução, isto é, a equivalência é determinada pelo texto e seu contexto. Nos estudos fraseológicos e paremiológicos é possível observar distintas escalas de equivalências inventariadas desde um ponto de vista meramente linguístico e, como afirma García Albero (2013: 123), nas quais pouco se dispensa a devida atenção aos elementos culturais encapsulados em diferentes fraseologismos.

Tradicionalmente, são quatro as estratégias prescritas dentro dos estudos de tradução fraseológica, nos quais se enfatiza a tradução das parêmiias: **a) unidade equivalente por meio de um fraseologismo ou só palavra; b) paráfrase; c) omissão e d) compensação**. Dentre os diversos autores que apontam estratégias de tradução de fraseologismos, destacamos o trabalho de Julia Sevilla Muñoz e Manuel Sevilla Muñoz (2004) que oferece possibilidades de estratégias de tradução de fraseologismos por meio das **técnicas actancial, temática, sinonímica e hiperonímica**.

A **técnica actancial** consiste em começar a buscar a possível correspondência entre as parêmiias da língua meta (LM) com o mesmo *actante* das parêmiias na língua original, ou um actante similar (LO). Assim, com as parêmiias nas quais figuram animais, em primeiro lugar, a busca deve começar por parêmiias nas quais o referido animal, ou o mesmo actante, aparece na parêmia da LM.

Correlacionamos os exemplos oferecidos pelos paremiólogos ao português a fim de verificar a ocorrência de um correspondente actancial pleno. A parêmia espanhola “Perro ladrador, poco mordedor”, encontra correspondente pleno em português em “Cão que late não morde”.

Já com o provérbio espanhol “Poco a poquillo hace el pájaro su nidillo”, não encontramos na correspondência portuguesa um actante idêntico mas sim, similar, pertencente ao mesmo campo actancial: “De grão em grão, a galinha enche o papo”. De acordo com os autores, a técnica actancial mostra-se muito útil para relacionar as diferentes correspondências conceptuais, ou seja, de conteúdo e não quanto à forma.

A **técnica temática** consiste em buscar correspondências por meio da ideia-chave e, se combinada com a técnica actancial, pode ser bastante proveitosa. Assim, para encontrarmos a correspondência do provérbio espanhol “Agua de marzo, peor que la mancha en el sayo”, Sevilla Muñoz e Sevilla Muñoz (2004) indicam que o primeiro passo é atentar ao fato de que se trata de um provérbio meteorológico e, em seguida, centralizar-nos em seu “protagonista principal”, neste caso, o mês de março e, dentro do mês de março, o fenômeno natural da chuva. Dessa forma, ao perfazer este caminho, será possível chegar à parêmia portuguesa “Água de março é pior que nódoa no pano”¹³.

A **técnica sinonímica** (Sevilla Muñoz; Sevilla Muñoz, 2005) consiste na busca de correspondência considerando o grau de equivalência de significado das parêmias que apresentam a mesma ideia-chave, o que permite encontrar correspondências literais, que apresentam coincidência de conteúdo e forma, e as conceituais, que apresentam somente coincidência de conteúdo. Assim, o provérbio “Grano a grano, hincha la gallina el papo”, encontrará sua correspondência literal no provérbio português “De grão em grão, a galinha enche o papo”, ao passo que a correspondência conceitual poderá ser localizada no provérbio “Devagar se vai ao longe”.

Finalmente, a **técnica hiperonímica** foi desenvolvida por Sevilla Muñoz (2011) e consiste em utilizar uma parêmia genérica caso não seja encontrada uma específica na língua meta (LM). O exemplo empregado pela paremióloga é a parêmia “Dando la gotera, hace señal en la piedra”, que encontra uma correspondência específica no português em “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”. A

¹³ A ocorrência da parêmia “Água de março é pior que nódoa no pano” é registrada no português de Portugal.

autora indica que em casos nos quais o tradutor não localize na LM uma parêmia específica, ele poderá recorrer a uma parêmia genérica, no caso particular em português, tem-se: “Quem espera sempre alcança”.

Por último, é necessário esclarecer que a equivalência é um termo próprio dos Estudos da tradução, ao passo que na Fraseologia contrastiva ou comparada, há uma tendência ao uso do termo correspondência. A diferença, conforme indica García Albero (2013: 10), é que nos Estudos da tradução buscam-se as equivalências no texto, enquanto que a Fraseologia contrastiva compara duas ou mais línguas em busca de correspondências no sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ponderado ao longo do artigo, com base na literatura do âmbito da tradução e da fraseologia, a tradução de fraseologismos, especialmente os provérbios, pressupõe um alto grau de dificuldade para o tradutor. Essa complexidade torna-se mais evidente quando se trata da tradução de culturemas que podem estar encapsulados nos fraseologismos, mesmo porque a motivação, como fonte primeira na gênese fraseológica, pode ter ocorrido em culturas específicas, em um determinado espaço temporal, cujo referente, muitas vezes, perdeu-se no tempo.

A diversidade terminológica que se observa em torno dos elementos culturais ou culturemas, na perspectiva adotada neste trabalho, ocorre não somente entre as diferentes disciplinas que tem como ponto de referência o funcionamento da cultura na língua em prol do desenvolvimento de seus estudos, mas também, em âmbitos específicos, como o dos estudos fraseológicos e da tradução.

Nesse sentido, a noção de culturema como elemento ou unidade cultural, carregada de valores históricos, simbólicos e culturais, parece ser relevante para a tradução de fraseologismos, especialmente os provérbios, pois focaliza em sua abordagem, a relação entre cultura e linguagem por meio do estudo dos fraseologismos.

REFERÊNCIAS

1. CHACOTO, L. Los refranes de Don Quijote de la Mancha en la traducción portuguesa. In: Sevilla Muñoz, J.; Crida Álvarez, C.; Ruiz-Ayúcar, M^a T. Z.

- (eds): *Estudios Paremiológicos, II. Los refranes y El Quijote*, Atenas: Ta Kalós Keíma, 2008.
2. CORPAS PASTOR, G. *Manual de Fraseología Española*. Madrid: Gredos, 1996.
 3. COSERIU, E. *Sociedade, cultura e língua. Ensaaios de Sócio e Etnolinguística*. João Pessoa: Shorin, 1990.
 4. GARCÍA ALBERO, J. *El refrán en las versiones clásicas del Quijote al francés y al alemán: estudio traductológico, paremiológico, lingüístico e histórico-cultural*. Tesis doctoral. Universidad de Alicante, Alicante, 2013.
 5. LUQUE DURÁN, J. D. Un ejemplo de la interrelación de cultura y lenguaje: el carácter nacional español en fraseologismos y otras formas de expresión lingüística. In: PAMIES, A.; DOBROVOL'SKIJ, D. (Eds.). *Linguo-cultural competence and phraseological motivation*. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren, p. 393-403, 2011.
 6. _____. "Roma no paga a traidores". Frases y hechos históricos españoles y su utilización como culturemas en textos periodísticos. *Léxico Español Actual III*, 2012. Disponible em: <<http://lear.unive.it/jspui/bitstream/11707/843/1/Dios.pdf>>. Acesso em 02 fev. 2017.
 7. LUQUE NADAL, L. Los diccionarios lingüístico-culturales y el estudio de los fraseologismos. *Boletín Hispánico Helvético*, p. 5-23, 2008. Disponible em: <<http://www.hiddencollections.ch/dms/sseh/publications/untitled/untitled10/01-Luque/01-Luque.pdf>>. 30 de jan. 2017>. Acesso em: 01 de jun. de 2017.
 8. _____. Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? *Language Design*, vol. 11, p. 93-120, 2009. Disponible em: <<https://ddd.uab.cat/record/164099>>. Acesso em: 30 jan. 2017.
 9. MOLINA MARTÍNEZ, L. *Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español*. Tesis doctoral. Universitat Autònoma de Barcelona. Departament de Traducció i di I'nterpretació, 2001.
 10. PAMIES BERTRÁN, A. Productividad fraseológica y competencia metafórica (inter) cultural. *Paremia*, nº 17, p. 41-57, 2008.
 11. POTTIER, B. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença. Universidade Santa Úrsula, 1978.

12. SEVILLA MUÑOZ, J; CRIDA ÁLVAREZ, C. A. Las paremias y su clasificación. *Paremia*, nº 22, p. 105-114, 2013.
13. _____; SEVILLA MUÑOZ, M. La técnica actancial en la traducción de refranes y frases proverbiales. *El Trujamán*. 2004. Disponível em <http://cvc.cervantes.es/trujaman/antiores/noviembre_04/08112004.htm>. Acesso em: 07 fev. 2017.
14. _____; SEVILLA MUÑOZ, M. La técnica temática en la traducción de refranes y frases proverbiales. *El Trujamán*. 2004. Disponível em <http://cvc.cervantes.es/trujaman/antiores/noviembre_04/24112004.htm>. Acesso em: 07 fev. 2017.
15. _____; SEVILLA MUÑOZ, M. La técnica sinonímica en la traducción de refranes y frases proverbiales. *El Trujamán*. 2005. Disponível em <http://cvc.cervantes.es/trujaman/antiores/marzo_05/03032005.htm>. Acesso em: 07 fev. 2017.
16. _____. La técnica hiperonímica en la traducción de refranes y frases proverbiales. *El Trujamán*. 2011. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/trujaman/antiores/marzo_11/10032011.htm>. Acesso em: 07 fev.2017.
17. _____. Presupuestos paremiológicos de una propuesta metodológica para la enseñanza de los refranes a través de El Quijote. *Paremia*, nº 14, p. 117-128, 2005.
18. SOTO ALMELA, J. La traducción de culturemas en el ámbito del patrimonio cultural: análisis de folletos turísticos de la región de Murcia. *Tonos Digital 24: Revista de Estudios Filológico*, Vol. II, 2013. Disponível em: <<http://www.um.es/tonosdigital/znum24/secciones/tritonos-culturemas.htm>> Acesso em: 04 fev. 2017.
19. VILELA, M. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos da Universidade do Porto*, Vol. 2, Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, p. 159-189, 2002.
20. XATARA, C. M.; SECO, M. Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu. *Domínios da Linguagem*, Vol. 8, nº 1, p. 502-519, 2014.
21. _____; SUCCI, T. M. Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas online – Atemática*, nº 1, p. 33-48, 2008. Juiz de Fora, MG. Disponível

em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

22. ZULUAGA, A. *Introducción al Estudio de las Expresiones Fijas*. Frankfurt, Peter Lang, 1980.

Recebido em: 05/06/2017

Aceito em: 20/07/2017